

# Michael Wachtel crítico de poesia: uma introdução constelar à poesia russa

*Alice Vieira Barros<sup>1</sup>*

**Resumo:** O texto consiste numa resenha crítica do livro *The Cambridge Introduction to Russian Poetry* (2004), de autoria de Michael Wachtel, professor do Departamento de Línguas e Literaturas Eslavas da Universidade de Princeton. Enfatiza-se a atualidade das análises poético-formais elaboradas por Wachtel e seu trabalho como crítico e leitor de poesia russa.

**Palavras-chave:** Poesia russa; Introdução; Michael Wachtel.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Contato: [alicevieirabarros@gmail.com](mailto:alicevieirabarros@gmail.com)

Quase 20 anos após a sua publicação, *The Cambridge Introduction to Russian Poetry*, trabalho do professor do Departamento de Línguas e Literaturas Eslavas da Universidade de Princeton, parece não ter envelhecido. Há algum tempo o livro já é uma espécie de bibliografia básica para discentes pesquisadores dos cursos de pós-graduação em Línguas e Literaturas Eslavas também no Brasil, mas é o caso de se desejar que sua leitura se difunda entre o público leitor brasileiro, habitando outros lugares que não a biblioteca do pesquisador especialista. Há, porém, um empecilho linguístico para tanto: o livro segue sem tradução e edição em português.

Para os russófilos brasileiros, a contribuição mais notável talvez seja dar a ver o que, para um leitor russo não necessariamente culto, soaria como um óbvio ululante: a literatura russa (ou mesmo a sua língua, para os mais entusiasmados) se notabiliza pelos seus poetas. Isso, é claro, causa uma certa estranheza no leitor brasileiro, talvez em virtude da popularidade da prosa russa entre nós, como atestam as infinitas traduções e retraduações de Tolstói e Dostoiévski a cada ano. Mas, como o próprio Michael Wachtel observa, no prefácio que escreve ao

livro: “A despeito das conquistas de Dostoiévski e Tolstói, a literatura russa é uma tradição de poesia, e não de prosa, e os leitores russos sempre a reconheceram como tal”<sup>2</sup>.

O traço distintivo mais valioso do livro possivelmente reside no fato de que, muito embora o título dado à obrasugira - pelo emprego da palavra “introdução” - que se está diante de uma espécie de compêndio, nem o tom e nem mesmo o método analítico de Wachtel flertam com uma linguagem *manualesca*. As questões de literatura russa, seja no que se refere aos temas recorrentes, seja no que se refere à estrutura linguístico-formal, são apresentadas como se brotassem dos próprios poemas. Não existe nenhuma pretensão de inscrever os autores apresentados num sistema totalizante previamente concebido pelo autor. Os poemas são lidos e apresentados em sua unidade e totalidade insubstituível, e nenhum problema cultural ou linguístico é verticalmente imposto da parte do crítico - eles apenas aparecem, ou irrompem, nos próprios textos coletados como corpus. Isso faz do livro uma ressonância daquilo que os formalistas russos nos legaram de melhor: o respeito à particularidade do poema e às suas próprias modulações e

---

<sup>2</sup> The achievements of Dostoiievsky and Tolstoy notwithstanding, Russian literature is a tradition of poetry, not prose, and Russian

readers has always recognized it as such. (WACHTEL, 2004).

articulações sintáticas, sonoras e semânticas, a tentativa de violentar o mínimo possível o texto com abordagens teórico-críticas que lhe são exteriores, imprimindo-lhes cores que lhe infundimos pelo simples prazer narcísico de que se adequem ao nosso próprio paradigma epistêmico.

O livro se divide em duas partes - a primeira, a que o autor chama de "Conceitos", e a segunda, nomeada "Interpretação". Embora os títulos dados aos tópicos e subtópicos do capítulo 1 pareçam sugerir uma abordagem de fato introdutória, isto é, como se não estivéssemos exatamente no campo de "como ler poesia russa" e sim no de "como ler poesia em geral", é preciso observar que, mesmo a definição de conceitos muito básicos do discurso poético pelo autor, como explicações sobre tropos e figuras de linguagem, não aparece de maneira enfadonha, uma vez que é derivada da apresentação de poemas clássicos da tradição da poesia russa. O corpus é muito diverso. Vai das odes de Lomonóssov e Trediakóvski, passa pela revolução poética da Plêiade Puchkiniana, atravessa as vanguardas russas do início do século XX, a poesia dos emigrados em Paris, e chega à

poesia russa contemporânea após o declínio do regime soviético.

Falar de uma "chegada à poesia russa contemporânea" pode passar a impressão de que estamos lidando com uma abordagem histórico-teleológica da literatura, mas esse não é, definitivamente, o método do autor. Poderíamos dizer que o método de Wachtel está mais próximo de uma abordagem "constelar" da poesia russa, para usar uma imagem do poeta Haroldo de Campos<sup>3</sup>. No livro, poemas e autores de épocas e contextos distintos conversam entre si. Os textos dialogam, são confrontados e comparados tanto pela maneira como se articulam formalmente quanto pelo tratamento divergente (ou, às vezes, inesperadamente convergente) que dão a um mesmo tópos.

A segunda parte do livro se ocupa da apresentação de gêneros tradicionais da poesia russa e dos seus principais topoi. Poder-se-ia dizer que a maioria desses topoi - o amor, a natureza e o verso patriótico - não são propriamente russos, mas pertencentes a quaisquer literaturas nacionais, ou que eles sejam temas universais da literatura ocidental. Contudo, a maneira como os topoi são

<sup>3</sup> Embora a imagem não seja exatamente de Haroldo de Campos, mas benjaminiana. A história "constelar" da literatura brasileira defendida por Haroldo de Campos em *O*

*sequestro do Barroco* (1989) é inspirada pela ideia de "constelação", presente no discurso filosófico de Walter Benjamin.

introduzidos pelo autor do livro faz com que esses temas deixem transparecer as especificidades de sua ocorrência na História Cultural da Rússia.

Destaca-se, nesse sentido, o capítulo sobre a poesia patriótica, em que o autor sensivelmente discorre sobre a mudança que Púchkin operou nesse gênero poético no século XIX. Os contornos dessa mudança já transpareciam em A.N. Radíshchev, no final do século XVIII, mas o autor demonstra como Púchkin a desenvolve e radicaliza. A mudança em questão é a transformação do sentido político da poesia patriótica russa. No século XVIII, ela consistia no panegírico ao soberano, e sob essa forma aparece em Lomonóssov e Trediakóvski. Já em Púchkin, ela se torna uma denúncia crítica da figura do tirano autocrata, e passa a manifestar o anseio pela libertação do povo russo. Nesse capítulo, em específico, Wachtel se mostra um crítico de poesia afinado, identificando as nuances e diferenças nas representações da Rússia entre Púchkin, com as aspirações revolucionárias que o poeta demonstra em *K Tchaadáievu* (<<К Чаадаеву>>, 1818), e Liérmontov, que, em *Ródina* (<<Родина>>, 1841) descreve o seu “estranho amor” à pátria. Esse estranho amor à pátria, como nos demonstra o autor do livro, estava calcado em

alicerces muito distintos dos da poesia patriótica de Púchkin, porque em Liérmontov o amor que o poeta tem pela Rússia é apartado da esfera política.

Sem perder o fio condutor da argumentação, Wachtel também elabora refinadas leituras comparativas nesse mesmo capítulo, contrastando, por exemplo, a solidão de Liérmontov em *Ródina* <<Родина>> com o fim da separação entre o poeta e a turba elaborado por Tiútchev em *Eti biédnye selén'ia* <<Эти бедные селенья>> (1855). Diante da leitura que Wachtel faz do poema, ficamos com a impressão de que em Tiútchev o tópos romântico do “poeta eleito” se transforma no tópos genuinamente russo da “pátria eleita”, vista sob um prisma messiânico, sendo a pátria russa e o seu povo tomados como imitações do próprio Cristo. Mais tarde, a questão ganha novas roupagens e nuances na poesia de Blok, na qual a Rússia, muito mais do que “Mãe”, se converte numa espécie de amante idealizada com a qual o destino do poeta estava inexorável e tragicamente fundido. Essas nuances são todas captadas e desenvolvidas por Wachtel, que desdobra o tópos da poesia patriótica até chegar à poesia contemporânea russa e à sua desconfiança para com o discurso nacionalista.

Exaltado até aqui menos como *scholar* do que como o escritor, o crítico e o leitor de poesia fecundo que se revela no seu livro, Wachtel talvez mereça, porém, uma só ressalva ao seu trabalho. Não se trata propriamente de uma admoestação de nossa parte, mas antes de uma consideração com relação ao campo metropolitano de onde o autor enuncia o seu discurso. Aqui e acolá encontram-se, ditas *en passant* enquanto Wachtel analisa um conjunto de poemas, algumas formulações sobre a Rússia e sua história política que hoje, para nós, leitores latino-americanos, soa como ingenuidade política, ou como adesão ideológica a um ideal de democracia que só seria capaz de convencer alguém que comprasse o discurso neoliberal do “fim da história”.

Isso aparece, por exemplo, quando o autor sugere que a extinção da URSS demarca magicamente a chegada do tempo da liberdade para o povo russo. Dificilmente poderíamos acatar essa ideia, sobretudo considerando as recentes ofensivas violentas aos Direitos Humanos perpetradas pelos governos durante o conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Também essa adesão ideológica de Wachtel parece transparecer no

estranho anacronismo da formulação de que, do ponto de vista cultural, “o período soviético foi, de muitas maneiras, um retorno ao século XVIII”<sup>4</sup>. É claro que há afinidades entre os períodos da autocracia tsarista e do stalinismo, mas essas afinidades dizem respeito, sobretudo, a procedimentos de controle da parte do Estado: a censura, a perseguição política do pensamento e da expressão artística, os campos de trabalho forçado, os exílios. É necessário, contudo, que se faça um esforço muito grande para associar a Rússia do século XVIII com a URSS do século XX de um ponto de vista cultural. Esse esforço seria, aliás, no mínimo, um contrassenso para quem deseja respeitar a particularidade dos fenômenos históricos sem hierarquizá-los com o nosso olhar de hoje, contaminado pela constatação da vitória do capitalismo neoliberal. Podemos imaginar como Maiakóvski se sentiria ao ter o seu discurso nostálgico-nacionalista de Moscou expresso em *Proshánie* (<<Прощание>>, 1925) comparado com a subserviência dos poetas da corte nas suas odes de exaltação aos tsares produzidas no século XVIII. Talvez aí resida o limite de uma abordagem constelar da poesia: ela corre o risco de ignorar que, na História

---

<sup>4</sup> Culturally speaking, the Soviet period was in many ways a return to the eighteen century (WACHTEL, 2004, p. 141).

da Cultura, a direção de um movimento faz, no mínimo, toda a diferença.

## Referências

ANDRADE, Homero Freitas de. *et al.* Dossiê Púchkin. **Caderno de Literatura e Cultura Russa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; SCHNAIDERMAN, Boris. **Poesia russa moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do Barroco: o caso Gregório de Matos**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.

PÚCHKIN, Aleksandr. **Polnoie sobranie sotchinienii v 10-ti tomakh** [Полное собрание сочинений в 10-ти томах. Стихотворения 1820-1826]. Moskva, Leningrad: Akademik Naúk, 1950.

WACHTEL, Michael. **The Cambridge Introduction to Russian Poetry**. Cambridge: Cambridge University Press: 2004.

**Abstract:** The text is a critical review of the book *The Cambridge Introduction to Russian Poetry* (2004), written by Michael Wachtel - Professor in the Department of Slavic Languages and Literatures at Princeton University. It is emphasized how Wachtel's formal-poetic method analysis remain important until nowadays, and also his work as a critic and as a Russian poetry reader.

**Keywords:** Russian poetry; Introduction; Michael Wachtel.